

Desenvolvimento de aplicações

216,1

> FATURAMENTO LÍQUIDO DO SEGMENTO (US\$ MILHÕES)

Quanto maior – e mais complexa – a oferta de serviços criados pelas operadoras, maior a procura de serviços de desenvolvimento. E essa é uma demanda que tem crescido, de modo geral, impulsionada não apenas pelas operadoras, mas, também, pelos fabricantes de *hardware* – especialmente celulares – e o próprio mercado corporativo. Para atendê-la, as empresas especializadas na criação de soluções têm feito investimentos em fábricas de *software*, ferramentas, processos e, em especial, no treinamento e certificação dos profissionais. Números apurados pelo *Anuário Telecom 2007* revelam que, em 2006, 15 empresas enquadradas no segmento faturaram US\$ 216 milhões, receita que traduz crescimento de 28,4% em relação a 2005.

Nas operadoras fixas, a demanda por serviços de desenvolvimento vem, entre outras razões, da necessidade de migração das redes convencionais, baseadas na tecnologia TDMA (*Time Division Multiplexing Access*), para redes de próxima geração ou NGN (*Next Generation Network*) – que dão mais flexibilidade à instalação e operação e facilitam a oferta de novos serviços.

É nessa frente que a NEC vem trabalhando. A empresa já investiu cerca de US\$ 6 milhões no desenvolvimento da solução que deve substituir as centrais de comutação TDM por *softswitch*, com tecnologia IP (*Internet Protocol*). “É o nosso maior projeto e, até o final do ano, o investimento deverá chegar a US\$ 10 milhões”, prevê o diretor de operações, Herberto Yamamuro.

O executivo conta que a maioria das centrais de comutação TDM da NEC em uso fora do Japão está na América Latina, onde a empresa assina de 25 a 30% da base instalada. Por isso, no final de 2005, a NEC montou, no Brasil, um centro de competência especializado no desenvolvimento de específico para esse mercado. A Ericsson ampliou de três, em 2005, para oito, em 2006, o número de fábricas de *software* instaladas no Brasil. Atualmente, cerca de 120 pessoas trabalham nos centros de desenvolvimento mantidos pela empresa. “Temos fábricas de *software* em praticamente todas as operadoras do país”, informa o diretor de Management Services, Múcio Flávio Mol. Como exemplos, ele cita a Telefônica e a TIM, para as quais estão sendo desenvolvidas soluções na área de tarifação.

A empresa também tem investido em parcerias com desenvolvedores de aplicativos para dispositivos móveis – em geral, pequenas e microempresas. O objetivo é ampliar a oferta de produtos nessa área. “Fazemos a ponte entre o desenvolvedor e a operadora e ainda oferecemos suporte para simulações, testes e a homologação de aplicativos, tais como jogos e outros programas para celular”, enumera Mol. Atualmente, mais de 250 parceiros, no Brasil e no mundo, participam da iniciativa da Ericsson, batizada de Ericsson Mobility World.

Em 2006, o Instituto de Pesquisas Eldorado ampliou de 20 para 30 a quantidade de parceiros para os quais desenvolve projetos. O superintendente, Arthur João Catto,

As Maiores

Accenture
86.953,47

EDS
68.218,50

Siemens Enterprise
17.800,00

As Mais Eficientes

	Pontuação	Cresc. Rec. Líq. (%)	Rent. s/vendas (%)	Liquidez corrente	Endiv. sobre ativo (%)	Lucro Líq. p/ func. (US\$ mil)
Accenture	660,00	19,22	10,18	1,82	0,00	7,21
Instituto Eldorado	541,70	27,67	6,11	1,29	0,00	3,44
Triad Systems	462,30	25,59	5,50	1,16	0,00	1,49

> Por receita líquida no segmento (US\$ mil)

Petronio Nogueira

sócio-diretor

O desenvolvimento de aplicações está contemplado na integração dos sistemas.

conta que a receita na área de desenvolvimento de aplicações se manteve igual à de 2005, mas o número de projetos aumentou. Em consequência, a quantidade de funcionários contratados saltou de 315 para 379. No total, incluindo estagiários e terceiros, subiu de 400 para 450. “Houve mudança no perfil dos projetos: tivemos menos projetos na área de infra-estrutura, que envolvem grandes cifras, e, por isso, o faturamento encolheu em 2006”, justifica o executivo. Com a queda de 3%, a receita líquida ficou em cerca de US\$ 21,7 milhões. Desse montante, 60% foram gerados graças ao desenvolvimento de aplicações; 23% vêm do desenvolvimento de *hardware*; 10% de ensaios e testes; e 7% de consultoria e capacitação.

As áreas que mais cresceram foram as de desenvolvimento de *software* embarcado e testes de sistemas. Catto revela que, no decorrer de 2006, realizaram-se cerca de cem mil testes de desenvolvimento, envolvendo 200 produtos diferentes – principalmente na área de celulares. Além disso, foram feitos mais 75 mil nas áreas de produção e pós-produção, fora os testes de certificação exigidos pela Anatel. Ao todo, 160 engenheiros trabalham na área de testes.

Catto conta que, quando o projeto não satisfaz o cliente na hora do teste, muitas vezes, ele acaba contratando os serviços do instituto, que, em 2006, investiu cerca de US\$ 4 milhões no laboratório de testes de produção e pós-produção.

Uma tendência que vem crescendo na área de *software*, principalmente para operadoras, é a hospedagem de aplicações, oferecidas como serviço. “É um modelo de negócios consagrado em Tecnologia da Informação, que vem ganhando espaço na área de telecomunicações”, diz Carlos Brito, diretor comercial de serviços da Alcatel/Lucent – que já colocou na modalidade, entre outras soluções, o sistema Genesys, sob medida para *contact centers*. A Ericsson mantém um centro de hospedagem (espécie de *datacenter*) onde as aplicações ficam instaladas e são compartilhadas por várias operadoras. “Isso reduz o investimento e o custo operacional da operadora e ainda permite colocar rapidamente novos serviços no mercado”, explica Múcio Mol.



divulgação

A Accenture investe na capacitação profissional

Permitir ao cliente – basicamente, operadoras fixas, móveis e de serviços convergentes –, com o uso de cada aplicação, conquistar o mais alto nível de eficiência. Eis a filosofia que orienta o trabalho de desenvolvimento na Accenture. Destaque no segmento, para garantir a qualidade das soluções, a empresa investiu em escala global, somente em 2006, US\$ 700 milhões na capacitação dos seus profissionais.

A empresa opera, basicamente, em três áreas: consultoria, integração de sistemas e terceirização. O desenvolvimento de aplicações está contemplado na integração dos sistemas, embora o projeto comece na fase de consultoria e, muitas vezes, se estenda à de *outsourcing*, explica Petronio Nogueira, sócio-diretor para a área de mídia e tecnologia da Accenture na América Latina. No Brasil, as fábricas de *software* são três, todas com certificação CMMI (*Capability Maturity Model Integration*) nível 5, conquistada em dezembro de 2005. Dos 6 mil empregados mantidos no país, cerca de 1.200 trabalham nessas três fábricas. Além disso, 1.200 profissionais trabalham dentro das operadoras (*on site*), exercendo diversas atividades – entre elas, desenvolvimento.

Nogueira explica que a Accenture mantém parceria com o Massachusetts Institute of Technology (MIT), para certificação e treinamento dos mais de 20 mil profissionais no mundo.

Uma das áreas em que a equipe de desenvolvimento vem trabalhando bastante é a de OSS (*Operation Support Systems*, ou sistemas de suporte à operação). “Isso envolve soluções de ativação, controle e gerência de falhas, de *billing* convergente e de mediação, para todos os tipos de operadoras”, diz Nogueira. Mas outra área que, segundo ele, deverá crescer nos próximos anos é a de desenvolvimento de aplicações para arquitetura IMS (*IP Multimedia Subsystem*).